

Orientação e Mobilidade no Atendimento Educativo Especializado

Renato Martins Redovalio Ferreira

Olá cursistas!

Neste texto você entrará em contato com conceitos básicos da Orientação e Mobilidade e as recomendações gerais na Pandemia do COVID-19.

1. Histórico

Na história da humanidade encontramos alguns registros sobre a existência da pessoa com deficiência visual. Por exemplo, no Código de Hamurabi, que dizia no artigo “XII - Delitos e penas (Lesões Corporais, Talião, Indenização e Composição) - Se alguém arranca o olho a um outro, se lhe deverá arrancar o olho” (DE HAMURABI, 2009). É importante entender o contexto de quando tal lei foi imposta, baseava-se no princípio – olho por olho, dente por dente (lei de Talião) citada no antigo testamento. Entretanto, com o decorrer do tempo, outras leis foram sendo criadas visando a humanização dos códigos penais, permitindo que a justiça se mostrasse menos vingativa, e ainda reintegrando os que não a seguem à sociedade (DA SILVA, 2009).

Na sociedade antiga, era comum a pessoa cega ser rejeitada, abandonada e muitas vezes sacrificada, por ser totalmente incapaz para exercer funções no trabalho. Crianças cegas eram sacrificadas e/ ou abandonadas o próprio destino (AMARAL, 1995).

Na época das cruzadas, muçulmanos arrancaram os olhos de soldados franceses por estarem fazendo ataques a populações e invadindo suas terras (DA COSTA et al., 2009). Nesta época, a primeira instituição para atender os cegos foi fundada pelo rei Luís XIII - o asilo de Quinze-Vingts (DA COSTA, et al., 2009), visando tirar tais pessoas das ruas, andavam como mendigos, o que causava grande mal-estar na população.

Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Contexto de Pandemia COVID-19 - SAEECOP

Com o tempo, o tratamento dado à pessoa com deficiência visual foi se alterando na sociedade.

Na bíblia, no livro do Êxodo, eram citados homens caminantes, que levavam cajados nas mãos (CERQUEIRA, 2009). Outra citação se relaciona com Isaac, que perdera a visão e que se estima ser a primeira pessoa com deficiência visual a ser lembrada, já naquela época usava o cajado de pastor para se deslocar. O uso do cajado se ampliou, e também começou a ser aplicado para a busca e reconhecimento do mundo ao redor (CASTRO, 1998).

Na cidade de Pompéia, na Itália, também é mencionada uma pintura onde é possível observar uma pessoa com deficiência visual andando com seu cajado e seu cão (sec. I da Era Cristã). Os deslocamentos com autonomia das pessoas com deficiência visual se mostravam muito difíceis, uma vez que existiam obstáculos que obstruíam sua passagem, limitando seu dia a dia, e assim permaneciam mais ambientes fechados, e quando se deslocavam o faziam guiados por videntes.

No Egito, a principal causa da cegueira advinha de tempestades de areia, muito comuns nesta região (GUGEL, 2015) que era identificada como a "Terra dos Cegos" pelas infecções nos olhos, que muitas vezes evoluía para a cegueira. Existem muitos papiros que citam como as doenças nos olhos eram tratadas.

Em 1784, foi fundada por Valentim Haüy, a primeira escola francesa para pessoas com deficiência visual, que ficou conhecido por ser um dos precursores a se interessar pela vida, educação, necessidades e integração social das pessoas com deficiência visual, o "Institut National des Jeunes Aveugles".

Em 1889 foi criada a Association Valentin Haüy, que até hoje tem como objetivo o bem estar das pessoas com deficiência visual (Saúde Visual, 2016). Nesta escola estudou Louis Braille, que em 1825 criou o Sistema Braille que usa os seis pontos em relevo e apresentados em duas colunas, formando sessenta e três símbolos e que podem ser utilizadas na escrita das pessoas com deficiência visual.

Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Contexto de Pandemia COVID-19 - SAEECOP

Tais avanços melhoraram a autonomia das pessoas com deficiência visual, mas não havia um método que promovesse sua locomoção de maneira independente.

No final da primeira Guerra Mundial os soldados franceses, ingleses e americanos se tornaram deficientes visuais e começaram a usar um bastão para caminharem com mais segurança.

No final da segunda Guerra Mundial, uma quantidade grande de soldados também se tornou deficientes visuais, e assim, muitos estudiosos resolveram estudar a Orientação e Mobilidade dessas pessoas (CASTRO, 1998).

Nesta época, várias pessoas resolveram ajudar os soldados internados no Hospital de Valley Forge (EUA), entre elas estava o médico oftalmologista, Richard Hoover, treinador de atletismo de pessoas com deficiência visual. Hoover observou que o uso do bastão poderia ser aperfeiçoado, pois entendia que não era eficaz. Idealizou então um bastão, que posteriormente foi denominado bengala, de metal tubular medindo 1,42 m de comprimento, 1,2 cm de diâmetro e pesando 186 g, com a extremidade arredondada. Propôs que o bastão fosse usado pelos 2358 soldados, objetivando o aprendizado da técnica que denominou Orientação e Mobilidade (OM).

Existem muitos estudos sobre como as pessoas com deficiência visual percebem obstáculos. Alguns autores acreditam que esse cálculo é possível por um “sexto sentido”; outros que seria uma percepção na face (visão facial) e ainda outros autores que seria conseguido através da ecolocalização (audição).

A técnica da bengala é um método de exploração em que a pessoa com deficiência visual tocando com a ponta da bengala o chão, recebe sensações táteis que a ajudam a se movimentar.

Segundo Giacomini (2008) a experiência com os soldados foi expandida e assim todas as pessoas com deficiência visual da sociedade puderam passar pelos treinamentos desenvolvidos. Hoover observou, entretanto, que seus métodos com a bengala com a medida fixa não podiam ser utilizados por todos, por conta das diferenças de peso e altura das pessoas com deficiência, resolveu então personalizá-las, desta forma ficaram mais eficazes.

Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Contexto de Pandemia COVID-19 - SAEECOP

O programa de Orientação e Mobilidade criado por Hoover era formado de três etapas. A primeira utilizava um guia vidente, a segunda técnicas de autoproteção para a pessoa com deficiência visual e a terceira as técnicas da bengala longa (BRASIL, 2002).

2. As Pessoas com Deficiência Visual

A pessoa que enxerga entra em contato com objetos e os vários apelos visuais do ambiente, se movimenta com facilidade, percebe sua localização, organiza informações vindas dos outros sentidos de forma simultânea.

A ausência da visão dificulta o movimento de exploração, a autonomia para brincar, correr, pular, participar de jogos, brincadeiras e atividades lúdicas e o controle do ambiente. A criança com deficiência visual apresenta dificuldade em relacionar sons, vozes, ruídos, formas e estímulos em geral de forma espontânea e natural.

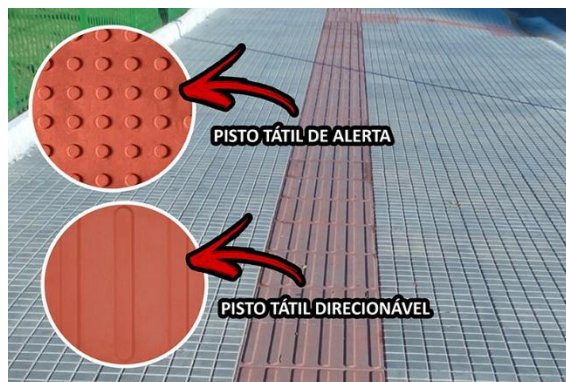
Professores e família devem estimular sua curiosidade e seu interesse, conduzindo suas atividades para que possa conhecer e identificar as fontes sonoras, mover e localizar seu corpo no espaço, aprender seu nome, o uso e a função das coisas, utilizar o tato para assim identificar formas, tamanhos, texturas, pesos, consistências, temperaturas, e outras propriedades dos objetos. As lacunas geradas pela deficiência visual podem ser ocupadas por comportamentos e manifestações diferentes dos padrões visuais socialmente conhecidos.

Os ambientes adaptados devem ter sinalização em Braille, as escadas devem ter contrastes de cor nos degraus, os corredores devem estar desobstruídos e o piso tátil, buscando cada vez mais a inclusão desses alunos. O modelo de piso tátil de alerta tem um conjunto de relevos troncocônicos –com o objetivo de informar a pessoa com deficiência visual sobre os possíveis obstáculos de desníveis ou situações de risco, orientar o posicionamento adequado para o uso de equipamentos, informar as mudanças de direção ou opções de percursos, indicar o início e o término de degraus, escadas e rampas, indicar a existência de patamares nas escadas e rampas e indicar as travessias de pedestres (figura 1).

Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Contexto de Pandemia COVID-19 - SAEECOP

Esta determinação se encontra nas regras de acessibilidade das normas técnicas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas, que são as nossas NBR's de acessibilidade, a NBR 9050/2015 de acessibilidade e NBR 16.537/2016 de pisos táteis, que são as mais atuais e que estão em vigor.

Figura 1: Piso tátil.



Fonte: Arquivo pessoal.

O modelo de piso tátil de alerta é formado de um conjunto de relevos, objetivando informar a pessoa com deficiência visual sobre os obstáculos, desníveis ou situações de risco, orientar o posicionamento adequado para o uso de equipamentos, informar as mudanças de direção ou opções de percursos, indicar o início e o término de degraus, escadas e rampas, indicar a existência de patamares nas escadas e rampas e indicar as travessias de pedestres.

Esta determinação se encontra nas regras de acessibilidade das normas técnicas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas, que são as NBR's de acessibilidade, a NBR 9050/2015 de acessibilidade e NBR 16.537/2016 de pisos táteis, as mais atuais e que estão em vigor.

O ambiente interno deve ser adaptado, e o externo/ entorno da escola também deve ser acessível, com sinais sonoros nos semáforos e nas áreas de saída de veículos próximas da escola (PAULINA, 2006).

Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Contexto de Pandemia COVID-19 - SAEECOP

Abaixo seguem cuidados fundamentais, mas não se esgotam e podem aparecer outros com a convivência:

- 1- As pessoas com deficiência visual não devem ser tratadas de forma diferente, pois são interessadas nas coisas do mundo tais quais as pessoas sem deficiência, portanto gostam de conversar, ler, ouvir.
- 2- Os aspectos positivos ou negativos da pessoa com deficiência visual não devem ser generalizados para outros deficientes visuais, cada um tem sua particularidade.
- 3- Nem sempre as pessoas cegas ou com deficiência visual precisam de ajuda, mas se encontrar alguma que pareça estar em dificuldades, identifique-se, faça-a perceber que você está falando com ela e ofereça seu auxílio.
- 4- Nunca ajude sem perguntar antes como deve fazê-lo.
- 5- Não se deve chamar a pessoa com deficiência visual de ceguinho, podendo ser entendido como uma forma ofensiva de contato.
- 6- Permita que o a pessoa com deficiência visual realize seu potencial, sem ficar limitando-o.
- 7- Não se mostre penalizado, nem solidário demais pela pessoa com deficiência visual, pois ela quer apenas ser tratado como igual.
- 8- A pessoa com deficiência visual não é deficiente auditivo, salvo exceções, então não é necessário falar mais alto quando entrar em contato.
- 9- Se achar interessante, ajude a pessoa com deficiência visual a atravessar a rua.
- 10- A pessoa com deficiência visual desenvolve recursos mentais latentes presentes em todos os indivíduos, e assim consegue interagir de maneira mais adequada, não é “sexto sentido”.
- 11- Para ajudar uma pessoa cega a sentar-se, você deve guiá-la até a cadeira e colocar a mão dela sobre o encosto, informando se esta tem braço ou não. Deixe que a pessoa se sente sozinha.
- 12- Não imagine que a pessoa com deficiência visual sempre consiga chegar aos lugares contando os passos.

Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Contexto de Pandemia COVID-19 - SAEECOP

- 13- Não guie a pessoa com deficiência visual puxando-o ou empurrando-o pelo braço. Deixe-a segurar seu braço, que o próprio movimento de seu corpo vai dar a orientação necessária.
- 14- Ao explicar direções para uma pessoa cega, seja o mais claro e específico possível, de preferência, indique as distâncias em metros (“uns vinte metros à sua frente”).
- 15- Ao responder uma pergunta a uma pessoa cega, evite fazê-lo com gestos, levantando e abaixando a cabeça para dizer sim e mexendo para a direita e para a esquerda para negar ou dizer não, nem aponte algum lugar com seu dedo indicador, lembre-se sempre que a pessoa cega não está vendo seus gestos.
- 16- Atenção para não deixar objetos no caminho por onde a pessoa com deficiência visual passa.
- 17- Quando entrar em um ambiente onde se encontre pessoas com deficiências visuais é necessário que se anuncie, para que logo você seja identificado. Também não saia de repente, a pessoa com deficiência visual pode ficar falando sozinho.
- 18- É importante que se aperte a mão ao encontrar e ao se despedir de uma pessoa com deficiência visual, este ato representa um sorriso amigável. Assim como se deve apresentá-lo a todas as pessoas que estiverem no ambiente.
- 19- Informe a pessoa com deficiência visual sobre a posição de alimentos em seu prato, sobre algo errado em sua roupa.
- 20- Não deixe de punir uma pessoa cega quando cometer qualquer erro.
- 21- Por mais tentador que seja acariciar um cão-guia, lembre-se de que esses cães têm a responsabilidade de guiar um dono que não enxerga. O cão nunca deve ser distraído do seu dever de guia com afagos, alimentos etc.

(Fonte: Adaptado da proposta do dr. Robert Atkinson- Diretor do Braille Institute of América- USA e do site Bengala Legal, 2020).

3. A Orientação e Mobilidade no desenvolvimento da pessoa com deficiência visual



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Perda_de_vis%C3%A3o

O dicionário Michaelis (2009), define orientação como o ato ou arte de se orientar a partir da determinação dos pontos cardeais e do lugar em que se está. Orientação é a capacidade de perceber o ambiente, e saber onde estamos. Já mobilidade, segundo a mesma fonte, significa a propriedade do que é móvel ou do que obedece às leis do movimento, e o deslocamento de indivíduos, grupos ou elementos culturais no espaço social.

Para Weishaln (1990, apud MEDEIROS et al, 2015) a orientação é o processo em que são utilizados os sentidos remanescentes, para se estabelecer a posição da pessoa e seu relacionamento com os outros objetos do meio ambiente. O mesmo autor define mobilidade como a habilidade de locomover-se com segurança, eficiência e conforto no meio ambiente, utilizando os sentidos remanescentes. A Mobilidade é a capacidade das pessoas se movimentarem.

Felippe (2001) define orientação como a percepção do ambiente, saber onde se está e mobilidade como a capacidade de se movimentar. Para Mota (2003) a mobilidade é definida como a capacidade para a pessoa mover-se, reagindo a estímulos internos e externos, em equilíbrio estático ou dinâmico. A

Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Contexto de Pandemia COVID-19 - SAEECOP

locomoção das pessoas com deficiência visual e sua marcha são dificultadas pelas situações muitas vezes complexas e rápidas que enfrentam no dia a dia. Assim, a pessoa com deficiência visual precisa: Saber onde está; Para onde quer ir; E como chegar lá.

Segundo Hoffmann (1999) a Orientação e Mobilidade é conceituada como um processo baseado nas habilidades sociais, motoras, cognitivas e emocionais do indivíduo, relacionadas às três seguintes técnicas – bengala, guia vidente e proteção.

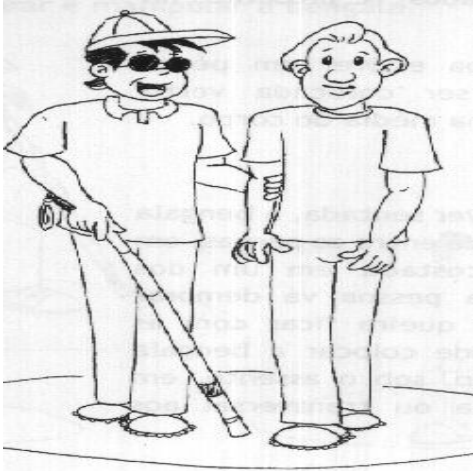
A Orientação e Mobilidade indica “mover-se de forma orientada, com sentido, direção e utilizando-se de várias referências como pontos cardeais, lojas comerciais, guia para consulta de mapas, informações com pessoas, leitura de placas com símbolos ou escrita para chegar ao local desejado”. (BRASIL/MEC, 2010, p.7)

Segundo Felipe (2001) o objetivo geral das técnicas de Orientação e Mobilidade é possibilitar à pessoa com deficiência visual, movimentar-se de forma autônoma, com eficiência e segurança nos ambientes em que deve estar. Para se atingir este objetivo é necessário que a pessoa com deficiência visual utilize seus sentidos remanescentes para uma movimentação segura; identifique e siga as pistas; detecte obstáculos e pontos de referências; use as técnicas básicas de Orientação e Mobilidade, mantendo uma postura agradável e confortável ao caminhar. Para este autor o tempo necessário para se desenvolver a técnica depende das características de cada indivíduo. A condição visual vai determinar qual técnica será mais adequada.

Em 1957 a ONU (Organização das Nações Unidas) enviou ao Brasil o prof. Joseph Asenjo para transmitir as técnicas de Orientação e Mobilidade ao primeiro grupo de profissionais interessados. Neste mesmo ano ocorreu na Fundação Dorina Nowill (São Paulo) o primeiro curso de treinamento de instrutores de Orientação e Mobilidade para cegos. No ano de 1959 ocorreu o primeiro curso de Orientação e Mobilidade no Instituto de reabilitação da Faculdade de Medicina da USP (GARCIA, 2001).

Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Contexto de Pandemia COVID-19 - SAEECOP
Atualmente ainda são utilizadas as três etapas propostas por Hoover nos programas de Orientação e Mobilidade no Instituto Benjamin Constant- RJ (Centro de referência nacional em Deficiência Visual):

1) **Guia vidente** - uma pessoa vidente conduz e orienta a pessoa com deficiência visual, a caminhar por lugares colocando sua mão no cotovelo do guia vidente.



Fonte: <http://www.deficienciavisual.pt/txt-caminhandojuntos.htm>

É a primeira técnica a ser treinada, é importante por familiarizar a pessoa com deficiência visual com os espaços físicos.

2) **Autoproteção** - possibilita que a pessoa com deficiência visual, se locomova com autonomia e segurança, nos ambientes internos e conhecidos, quando precisar se movimentar e se orientar utilizando o seu corpo.



Fonte: Arquivo pessoal.

Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Contexto de Pandemia COVID-19 - SAEECOP
Requer conhecimento de seu corpo, de seus movimentos, da posição das partes dele, e domínio de conceitos relacionados a espaço, tempo, lateralidade e outros, o que envolve a interpretação sinestésica e a utilização integrada de todos os sentidos.

É o uso dos segmentos corporais como forma de se proteger, estabelecer relações, fazer contato com objetos e pessoas. As autoproteções podem ser utilizadas em conjunto com outras técnicas de Orientação e Mobilidade, como guia vidente e bengala longa.

3) **Bengala longa** – visa habilitar a pessoa com deficiência visual a locomover-se com segurança, eficiência e independência em ambientes internos e externos, utilizando a bengala longa. Ela pode ser usada desde a infância até a idade em que a pessoa tenha condições de se locomover sozinha. Tem como finalidade habilitar pessoas com deficiência visual a se locomoverem com segurança, eficiência e independência, em ambientes familiares e desconhecidos. O comprimento da Bengala Longa é determinado pela estatura, tipo físico, extensão do passo. Normalmente se utiliza como referência de medida uma linha reta que vai do osso externo até o solo.

Com as três etapas compreendidas a pessoa com deficiência visual, é capaz de ir e vir, pois através do guia vidente conseguirá andar com o vidente conduzindo, com a autoajuda se movimentará em ambientes internos e conhecidos e com a bengala longa conseguirá se movimentar em ambientes internos e externos, tendo total independência.

Através desta revisão histórica, perceber-se os grandes avanços acontecidos no processo de Orientação e Mobilidade da pessoa com deficiência visual, com as estratégias criadas por Hoover, que contribuíram de forma eficaz na mudança ergonômica da bengala, e para torná-la não apenas instrumento de apoio, como também de exploração e orientação no ambiente (HOFFMANN, 1999).

Atualmente se tem adotado cores na bengala para identificar o grau da deficiência visual da pessoa.

Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Contexto de Pandemia COVID-19 - SAEECOP

Fonte: <https://directborrachas.wordpress.com/2019/03/14/cor-da-bengala-ajuda-a-identificar-o-grau-de-deficiencia-visual/>

Bengala Branca: Identifica que a pessoa é cega, perda total da visão.

Bengala Verde: Identifica que a pessoa tem baixa visão, não são cegas, somente enxergam com maior dificuldade, possuindo visão parcial.

Bengala Branca e Vermelha: Identifica a pessoa que é surda e cega (surdocega).

4. Orientação e Mobilidade: Recomendações gerais para a Pandemia do COVID-19

A pessoa com deficiência visual tem como sentido mais utilizado o tato, pois através dele é capaz de compreender o ambiente, as questões relacionadas às características dos objetos e de localização e orientação no espaço. No período da pandemia é importante ficar atenta, logo as mãos devem ser lavadas com mais frequência, ou usar álcool 70%, líquido ou gel, principalmente depois de tocar corrimãos, portas, maçanetas, mapas táteis, bancadas, mesas, superfícies e botões.

O uso da máscara de proteção foi recomendado pelo Ministério da Saúde quando sair de casa. Deve-se lavar as máscaras de proteção quando forem caseiras, sempre que chegar em casa e se forem descartáveis jogar fora no lixo.

Precisando fechar a bengala, e quiser guardá-la, utilizar um recipiente somente para este uso, como por exemplo, bolsa ou saco plástico. Deve-se lavar

Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Contexto de Pandemia COVID-19 - SAEECOP
a bengala quando chegar em casa, utilizando álcool 70% ou água e sabão, assim como os sapatos ou deixa-los do lado de fora da casa.

Na hipótese de ter cão-guia, lavar ao chegar em casa as patas do animal e a coleira.

Outra recomendação importante para o momento em que vivemos é que a pessoa com deficiência visual deve apoiar a mão na parte de trás do ombro, ao aceitar ajuda de alguém na rua, em lugar do cotovelo, pois uma das orientações é que as pessoas ao espirrarem ou tossirem, usem o antebraço para tal.

A Organização Nacional dos Cegos do Brasil (ONCB) indica informações importantes para a prevenção do COVID 19 para a comunidade de pessoas com deficiência visual:

- Higienização de óculos e lentes deve ser incorporada aos hábitos diários.
- Sempre que possível, evite o contato com outras pessoas. Pratique o distanciamento social, evitando apertos de mão, abraços e beijos no rosto. Cumprimente à distância;
- Ao ter contato com outras pessoas na rua, lave o rosto com água e sabão, principalmente o nariz, com água em abundância;
- Evite levar as mãos aos olhos, nariz e boca, pois são locais de alta contaminação;
- Pacientes com doenças oculares devem evitar o contágio, pois ele pode ocasionar o agravamento da doença, principalmente em pessoas com baixa visão.

Passo a passo para a limpeza correta das mãos

- O tempo ideal para a limpeza das mãos é de, no mínimo, 30 segundos;
- Começar esfregando as palmas das mãos uma na outra, com fricção moderada;
- Lavar da mesma forma o dorso das mãos;
- Cruzar os dedos das duas mãos e faça movimento de zigue-zague com bastante sabão debaixo d'água;
- Juntar as pontas de todos os dedos de uma mão e limpe na palma da outra em movimentos circulares. Repetir o processo invertendo as mãos.

Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Contexto de Pandemia COVID-19 - SAEECOP

- Lave os pulsos;
 - Deixe a água escorrer no sentido do pulso para a ponta dos dedos debaixo da torneira;
 - Não compartilhe toalhas (principalmente de rosto) e dê preferência ao papel toalha descartável em locais de uso coletivo;
- Ressaltamos a importância de seguir as recomendações do Ministério da Saúde para que a pandemia não se perpetue.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L.A. Conhecendo a deficiência (em companhia de Hércules). São Paulo: Robe Editorial, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Formação de Professor: orientação e mobilidade. Brasília: SEESP/MEC, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Formação continuada à distância de professores para o atendimento educacional especializado. Deficiência Visual. Brasília, SESP; SEED; MEC, 2007. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_dv.pdf Acesso em: 09 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Os alunos com deficiência visual: baixa visão e cegueira. 2010. Disponível em:
file:///C:/Users/Windows/Downloads/fasc%C3%ADculo%203.pdf Acesso em: 08 ago. 2020.

CERQUEIRA, Jonir Bechara. O legado de Louis Braille. Revista Benjamin Constant, Rio de Janeiro, Edição especial, v. 2, 2009.

DA COSTA, Ailton Barcelos; PICHARILLO, Alessandra Daniele Messali; PAULINO, Vanessa Cristina. O processo histórico de inserção social da pessoa cega: da Antiguidade à Idade Média. Revista Educação Especial, 2018, 31.62: 539-550.

DA SILVA, Virgílio Afonso. Direitos fundamentais. Conteúdo essencial, restrições e, 2009.

DE CASTRO, Heloisa Vitória. Educação especial e inclusão de pessoas com deficiência na escola: um olhar histórico-social. SILVA, 1986, 128,129. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/248/o/1.4_27.pdf Acesso em 16 ago. 2020.

Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Contexto de Pandemia COVID-19 - SAEECOP

DE HAMURABI, O. Código. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo. Comissão de Direitos Humanos, 2009.

FELIPPE, João Álvaro de M. Caminhando juntos: manual das habilidades básicas de orientação e mobilidade. São Paulo: Laramara, 2001.

GARCIA, N. Programas de Orientação e Mobilidade no processo de educação da criança portadora de cegueira. (Tese de Doutorado), Universidade de São Paulo, 2001.

GIACOMINI, L. Análise de um programa: “Passo a passo” Orientação e Mobilidade para pessoas surdocegas. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20092013-135227/publico/LILIA_GIACOMINI.pdf Acesso em 25 ago. 2020.

GUGEL, Maria Aparecida. A pessoa com deficiência e sua relação com a história da Humanidade. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/pcd-mundial> Acesso em: 20 ago.2020.

HOFFMANN, Sonia B. Benefícios da orientação e mobilidade – estudo intercultural entre Brasil e Portugal. Revista Benjamin Constant. Rio de Janeiro, ano 5, n. 14, p. 11-16, dez. 1999.

MEDEIROS, Luana A. ACIOLY, Angélica de S. G. SILVA, Renato F. L. Design inclusivo - uma proposta de produto para auxiliar a locomoção da criança deficiente. Disponível em: file:///C:/Users/renato/Downloads/6624-20844-1-PB.pdf Acesso em 09 jul. 2020.

MICHAELIS: Dicionário Escolar Língua Portuguesa- Nova Ortografia conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2009.

MOTA, Maria Glória B. Orientação e mobilidade: conhecimentos básicos para a inclusão da pessoa com deficiência visual. Brasília: MEC, 2003.

Organização Nacional dos Cegos do Brasil (ONCB). Disponível em: <https://www.oncb.org.br/oncb-lanca-recomendacoes-sobre-a-covid-19-para-pessoas-com-deficiencia-visual/> Acesso em: 25 ago. 2020.

PAULINA, Iracy. Deficiência visual: o mundo pelo toque. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1759/deficiencia-visual-o-mundo-pelo-toque> Acesso em: 08 ago. 2020.